

A RELAÇÃO ENTRE O “TEMPO DAS DIFICULDADES” E O “TEMPO DAS FACILIDADES” EM UMA HISTÓRIA MOSTRADA

Camila Galan de Paula

Como citar este artigo:

DE PAULA, Camila Galan. 2024. A relação entre o “tempo das dificuldades” e o “tempo das facilidades” em uma história mostrada. *Classificados Métis*, vol. 1, n. 1, p. 1-16. Disponível em: <https://metis.fflch.usp.br/classificados-a-relacao-entre-o-tempo-das-dificuldades-e-o-tempo-das-facilidades-em-uma-historia-mostrada>.

Classificados Métis é uma publicação do Projeto Temático Métis – Artes e Semânticas da Criação e da Memória.



MÉTIS

*Artes e semânticas da
criação e da memória*

PROJETO TEMÁTICO
FAPESP 2020/07886-8

Equipe editorial: Daniela Perutti, Joaquim Almeida Neto e Uirá Garcia

Revisão e copidesque: Daniela Perutti e Uirá Garcia

Projeto Gráfico: Joaquim Almeida Neto

Identidade visual Métis: Emir Lucrecia

Sítio eletrônico: Milena de Oliveira

Contato: classificados.metis.fflch@usp.br

A RELAÇÃO ENTRE O “TEMPO DAS DIFICULDADES” E O “TEMPO DAS FACILIDADES” EM UMA HISTÓRIA MOSTRADA

Camila Galan de Paula



*Esse tempo nunca passa
Não é de ontem nem de hoje
Mora no som da cabaça
Nem tá preso nem foge
(Gilberto Gil)*

Este texto convida o leitor a visitar seu Isidoro¹, como fiz numa manhã do “inverno” de 2022, quando tirei as fotografias deste texto.² A visita de hoje será rápida, o esboço de um argumento mais amplo que estou desenvolvendo para minha tese de doutorado. Avistadas a partir da calçada da casa de seu Isidoro, na localidade de Curral de Ramos, município de Coronel José Dias, semiárido piauiense, as diferentes coisas associadas à água nos conduzem à reflexão sobre os modos de relacionar o passado e o presente.

1. Mantive os nomes do município e das localidades, bem como os de políticos e pessoas públicas, alterando apenas o nome das pessoas com quem conversei em campo.

2. O “inverno” corresponde ao período chuvoso, que se estende aproximadamente de dezembro a abril, e se opõe ao período de estiagem, ou “seca”.

Visitando seu Isidoro

Curral de Ramos é uma localidade fundada nos anos de 1980, quando Isidoro, que trabalhava como vaqueiro para o fazendeiro e então deputado estadual Newton Macêdo, conseguiu comprar, junto com seu pai e cunhados, as terras em que hoje vivem.³ “Na região em que fiz pesquisa, é possível dizer que vaqueiro designa aqueles que cuidam ou cuidavam de animais alheios e tiravam para si um a cada quatro animais criados (“tirar a sorte”). Os vaqueiros propriamente ditos são os que cuidam do gado, podendo suas esposas e filhos cuidarem de caprinos e ovinos, sendo chamados de vaqueiros “de criação”.

A história de fundação desta localidade é semelhante à de outras do chamado segundo distrito do município de Coronel José Dias: a partir dos anos de 1950, vaqueiros ou trabalhadores agregados compraram terras dos fazendeiros da região, onde antes moravam. A fazenda mais citada é a Lajes, de Manoel Agostinho de Castro, sogro de Newton Macêdo.⁴ Isidoro seguiu como vaqueiro de Newton Macêdo, olhando sua criação (caprinos ou ovinos).

Quando Curral de Ramos virou uma localidade, ali não havia água. Na época, então, a família de seu Isidoro caminhava para apanhá-la na barragem Salitre, que outras pessoas me contaram ter sido feita pelo então deputado Newton Macêdo. Atualmente, a calçada da casa de seu Isidoro é ponto privilegiado para olhar para os muitos tipos de água e para as coisas da água.

Utilizo coisas intencionalmente, apostando na produtividade da não definição desse termo, como fazem Henare, Holbraad e Wastell (2007), em cuja metodologia me inspiro. Na esteira da chamada “virada ontológica” em antropologia (Heywood, 2017), os organizadores de *Thinking Trought*

3. Nascido em 1930 em São Raimundo Nonato, Newton Macêdo foi eleito prefeito pela Arena em 1966 e em 1972. Foi posteriormente eleito deputado estadual em 1978 e em 1986. Faleceu em 2003.

4. Manoel Agostinho de Castro, além de fazendeiro, foi prefeito, presidente da câmara de vereadores e primeiro suplente de Juiz de Direito em São Raimundo Nonato. Para os mais velhos, a fazenda Lajes são “as Lajes do Manoel Agostinho”.

Things apostam na não separação entre coisas e conceitos. Mais especificamente, o que me interessa na proposta deles é a ideia de que diferentes mundos podem ser encontrados nas coisas, e o trabalho antropológico é o de imaginar “como devemos pensar para conceber um mundo” (Henare; Holbraad e Wastell, 2007: 15, minha tradução) como outras pessoas o fazem.



Figura 1. Casa de seu Isidoro na localidade Curral de Ramos. Foto de Camila Galan de Paula, 2022.

Chegando para visitar seu Isidoro, ao nos sentarmos em uma das cadeiras na calçada, vemos à nossa direita uma “barraginha”. Segundo seu relato, ela foi feita por um prefeito que chegou ali e disse: “vou abrir um barraginha aí pra você”.



Figura 2. “Barraginha” na localidade Curral de Ramos. Foto de Camila Galan de Paula, 2022.

Adiante da “barraginha”, mais próximo da estrada de terra, há um “barreirinho” cuja construção precede a da “barraginha”, e que foi aberto pela família de seu Isidoro. Era dali que se tirava água para beber.



Figura 3. Barreirinho visto da estrada na localidade Curral de Ramos. Foto de Camila Galan de Paula, 2022.

Sentados ainda na calçada, inclinando a cabeça levemente à esquerda, vemos dois poços. O primeiro foi aberto pelo político e fazendeiro Newton Macêdo, que mandou fazê-lo quando ali era “um sertão medonho”. O outro foi furado mais recentemente, na gestão do prefeito Maninho.⁵



Figura 4. Poço furado a mando de Newton Macêdo. Foto de Camila Galan de Paula, 2022.

5. Manoel Oliveira Galvão foi prefeito de Coronel José Dias entre 2013 e 2020 pelo PSB e candidato a prefeito novamente em 2024 pelo PT.

Há ainda duas cisternas no quintal da casa, embora eu só tenha visto uma, perceptível pelo lado de fora. Além da casa de seu Isidoro, visitei várias outras casas e quintais na região do segundo distrito de Coronel José Dias, onde fui apresentada pelos moradores a barris, cabaças, cisternas, potes, cisternas-calçadão, poços tubulares etc. Falaram-me ainda sobre os olhos d'água, em que se buscava água na fazenda Lajes no passado.



Figura 5. Montagem feita a partir de fotografias de *coisas da água*. De cima para baixo, da esquerda para a direita: barril de madeira guardado no quintal de uma casa, localidade Lagoa (Foto de Camila Galan de Paula, 2021); Barris feitos de pneu, comprados em Remanso (BA), guardados em um quarto nos fundos de uma casa na localidade Lagoa (Foto de Camila Galan de Paula, 2022); cabaça, localidade Barro Vermelho (Foto de Camila Galan de Paula, 2021); cisterna, localidade Lagoa (Foto de Camila Galan de Paula, 2021); cisterna calçadão, nos fundos de uma casa no povoado Salininha. (Foto de Camila Galan de Paula, 2022); poço, localidade Bendó (Foto de Camila Galan de Paula, 2022).

Da casa de Isidoro vemos, assim, dois barreiros: um cavado pelos próprios moradores, e outro, mais adiante, também aberto por eles, por meio da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), que pagava as diárias de trabalho.⁶ Há ainda um poço perfurado “pelo finado Newton”. Seria destinado a seu compadre e vaqueiro para criações ou o resultado de uma política pública por ele implementada quando no poder?⁷ Difícil dizer.

Já a “barraginha” e o segundo poço foram feitos por prefeitos de Coronel José Dias. As cisternas, por sua vez, inserem-se em políticas públicas federais (Um Milhão de Cisternas⁸) ou em programas sociais católicos (Cáritas Diocesana). Essas coisas da água que se podem avistar da calçada da casa de seu Isidoro, assim, dão a ver que diferentes abordagens do acesso à água no semiárido nordestino convivem na paisagem. Mais do que isso, diferentes tempos ligados à água coexistem. Se nos despedirmos de seu Isidoro, podemos percorrer outras calçadas e salas de visitas em diferentes localidades do segundo distrito de Coronel José Dias e, assim, ampliar nossa visão sobre essa questão.

Diferentes tempos

Mais do que cronologias específicas, diferentes tempos referem-se a diferentes relações ou qualidades. Um “tempo das dificuldades” revela-se nos barris usados outrora em longos trajetos para apanhar água no olho d’água da Fazenda Lajes no período da estiagem. Trata-se de um tempo em que as pessoas não eram donas de suas próprias terras, viviam “no alheio”, trabalhando como vaqueiros para os fazendeiros da região.

Os relatos sobre as “dificuldades” variam a cada interlocutor, mas giram em torno de alguns elementos

6. A Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste foi criada nos anos de 1950 com o objetivo de promover o desenvolvimento regional do Nordeste via industrialização e, para a região semiárida, torná-la mais resistente às secas e seus impactos.

7. Além de deputado estadual, Newton Macêdo também foi prefeito de São Raimundo Nonato nos anos de 1960 e 1970. Coronel José Dias é um município que se emancipou de São Raimundo Nonato em 1992.

8. Inspirado em projetos anteriores de captação de água da chuva no semiárido, o Programa Um Milhão de Cisternas foi criado em 2003, coordenado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e executado em parceria com a organização da sociedade civil Articulação Semiárido Brasileiro (ASA). Além da construção de cisternas de água de chuva, o programa tinha projetos de formação e educação a ele atrelados (Nogueira; Milhorange e Mendes, 2020).

comuns: era um tempo sem escolas, em que os pais tinham que pagar para os filhos estudarem. Para os que estão na casa dos 60 ou 70 anos, já havia uma sala de aula, nas Lajes, para a qual as crianças de toda a região tinham que se dirigir a pé para aprender. Era um tempo sem transporte, em que todos se deslocavam caminhando. O gado, a criação e os porcos eram “tocados” a pé por longas distâncias. Arroz só existia na casa dos ricos. As famílias mais “fracas” não tinham como vestir e calçar suas crianças; sapatos e camisas eram emprestados nos casamentos. Poucos plantavam, muito menos mandioca – atividade que, numa região de criação de animais “na solta”, depende não apenas da posse de terras e de ferramentas de trabalho, mas da possibilidade de fazer cercas. Além disso, esse tempo é sumamente de muita dificuldade para se obter água.

Ainda durante o “tempo das dificuldades”, no período de estiagem (“seca”), a água era apanhada em cacimbas nas Lajes de Pedra (que ainda não era um povoado), ou em um olho d’água na fazenda Lajes. A fila era grande, acordava-se muito cedo, a água era apanhada em um “barril de pau” e carregada sobre um jumento.

Atualmente, nem jumentos e nem barris são usados com frequência, pois estão ligados a este tempo passado, “das dificuldades”. Barris, cabaças, jumentos são, portanto, *coisas* que, ao serem mostradas, evocam outras relações sociais, de quando a região era conhecida como “curral das Lajes”. Esse era um tempo com eleições, mas de qualidade muito distinta das atuais: “o pessoal era muito dominado pelos pais, o pessoal era dominado pelos pais e o pai é quem dizia: ‘você vai para determinado lugar’”, e dizia em quem votar, contou-me um interlocutor. Todos votavam para Newton Macêdo e seus candidatos, disseram-me.

Em contraste, há o “tempo das facilidades”, posterior e, sobretudo, de outra ordem de relações.⁹ De certo modo, o “tempo das facilidades” se concatena ao fim do “curral das Lajes” e não denota um tempo cronologicamente específico, nem com uma única qualidade. Ele tem como marco a “quebra da cancela” do “curral” que, segundo alguns me contaram, ocorreu quando um político da oposição prometeu e levou uma sala de aula para o povoado Salininha e “uma pipa de água” que ia e vinha, dia e noite, pegando água nas barragens e levando para alguns lugares da região. Foi assim que “caiu a cerca do homem” e acabou o “curral das Lajes”.

De um lado, o tempo dos barris para apanhar água nas Lajes; de outro, “a pipa de água” que ficava indo e vindo (possivelmente no período eleitoral): talvez estejamos diante da distinção entre um tempo de “formas camponesas tuteladas” (Neves e Silva, 2008) – isto é, de formas de imobilização da mão de obra camponesa pela articulação entre trabalho e morada – e outro, que chega aos dias atuais, de relações de “intimidade hierárquica” (Ansell, 2014).¹⁰

Mas o “tempo das facilidades”, com relação às coisas da água, se prolonga, encontrando outras formas de acesso e armazenamento de águas.¹¹ Hoje, praticamente todas as casas são dotadas de cisternas de armazenamento de água da chuva, e são abastecidas também por água trazida pela operação Carro-Pipa, coordenada pela Defesa Civil. Pela sua qualidade, a água que chega nos carros-pipa é, junto com a dos poços particulares, a mais valorizada na região. E aquela enviada pela operação da Defesa Civil é uma água sem “política”, sem “amizade”: a cada vez, vem uma pessoa diferente do Exército fazer a fiscalização, que “é para não fazer amizade” e assim, evitar trocas relativas à água.

9. Outras pesquisas também exploram o contraste entre tempos das dificuldades e facilidades em outros lugares do semiárido brasileiro (Centelhas, 2022; Teixeira, 2014).

10. O antropólogo Aaron Ansell usa o termo “intimidade hierárquica” para se referir às relações hierárquicas de implicação e vulnerabilidade mútua entre candidatos e eleitores nas adesões de voto. Corroborando os achados de uma literatura da antropologia da política (Heredia e Palmeira, 2006), a etnografia de Ansell (2014) no Piauí demonstra que as adesões de voto a determinado candidato o vinculam a seus eleitores a partir das expectativas de ajudas futuras.

11. Diversas pesquisas no semiárido brasileiro estudam os diferentes usos e manejos da água, ou das águas, no plural (Centelhas, 2022; Galizoni *et al.*, 2008; Galizoni e Ribeiro, 2011).

Também os pipeiros são sorteados, e mudam a cada três ou quatro meses. O controlador de água em cada comunidade não tem favorecimentos, a não ser poder pegar para si a primeira carrada de água. Esta é, como me disse um interlocutor, uma água “para o povo”. Assim, o “tempo das facilidades”, no que diz respeito à água, corresponde às coisas e relações que, do ponto de vista das políticas públicas de acesso à água no semiárido brasileiro, inserem-se em dois paradigmas distintos de compreensão desse acesso: as políticas de combate à seca e a convivência com o semiárido (Baptista e Campos, 2013).

O “tempo das facilidades”, de todo modo, contrasta radicalmente com o “tempo das dificuldades”. Hoje, a maior parte das casas possui energia elétrica; as famílias têm seus transportes particulares; algumas têm poços particulares; roupas e calçados não são itens escassos; escolas e ônibus escolares são para todos, assim como banheiros, geladeiras e televisores (nas casas com energia elétrica).

Uma história mostrada, religando tempos

Na pesquisa de campo, não foi incomum as pessoas trazerem à minha presença coisas de um tempo que já não existe. A “dificuldade” do tempo pretérito não apenas se relacionava à obtenção de água, mas também aos outros modos de se fazer farinha, fazer cuscuz, alimentar-se, transportar-se. Uma roda de fazer farinha, um pilão ou um ralo de mandioca, por exemplo, são elementos que mostram esse outro tempo.

Se o passado e o presente possuem qualidades muito distintas, e são narrados como separados, as coisas associadas a esse passado de “dificuldades” tornam aquele passado presente. Inspiro-me, assim, nos trabalhos de

alguns arqueólogos que vêm explorando como as coisas de outros tempos, e os gestos a elas associados, conectam o presente ao passado, em “uma constante presença entre os tempos de antes e os de agora” (Santos, 2021: 120).

Em pesquisa sobre narrativas ligadas ao garimpo em Serra Pelada, Márcia Bezerra notou que, para seus interlocutores, estar entre os objetos do garimpo “ativava memórias do cotidiano no garimpo. [...] Ou emergiam com uma potência narrativa tão intensa, que contar não era suficiente, era preciso encenar o ato narrado” (Bezerra, 2017: 77-79).

No caso da minha pesquisa, penso também estar diante de um limite do relacionamento com o passado através das narrativas. Mais do que representado, o passado é convocado a partir das *coisas* mostradas. Uma cabaça, um barril, um barreiro encapsulam uma teia de relações que se referem ao seu próprio tempo: o das “Lajes do Manoel Agostinho”, o do “curral das Lajes”, “o tempo das dificuldades”, o das muitas léguas caminhadas para apanhar água ou chegar à escola.

Preocupada em estudar os “modos de historicização” (Palmié e Stewart, 2016), isto é, os modos locais de concatenar passado, presente e futuro, deparei-me em um primeiro momento com um distanciamento radical entre passado e presente. Qualitativamente distinto, o “tempo das dificuldades” é todo outro tempo, correspondente a relações hoje encerradas. O espaço é outro, a fazenda Lajes é hoje cercada, as pessoas são proprietárias de terra, as casas nas muitas localidades são circundadas por barreiros, poços, cisternas, caixas d’água e “barraginhas”, como é o caso da casa de seu Isidoro. No entanto, o passado é presentificado quando as *coisas* desse tempo são *mostradas*.

Guardados no interior das casas e nos seus quintais, barris, cabaças e potes de barro não são apenas relíquias. São, antes de mais nada, ainda usados. Barris servem para apanhar água nos barreiros para dar de beber aos animais, por exemplo. Mesmo tendo serventia atual, essas coisas carregam em si o passado, ou melhor, o “tempo das dificuldades”, que é descrito e *mostrado* aos mais novos. *Mostrar* a história tem também um fito pedagógico: é preciso que o futuro não repita o passado, mas, caso isso ocorra, é preciso saber viver com as coisas e “dificuldades” de outrora. O passado emerge e pode sempre vir a emergir, feliz e infelizmente. É que a nostalgia pelas festas de santo, pelo respeito aos mais velhos, é também evocada pelas mesmas coisas que trazem à tona as “dificuldades”.

Referências bibliográficas

- ANSELL, Aaron. 2014. *Zero Hunger: Political culture and antipoverty policy in Northeast Brazil*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.
- BAPTISTA, Naidison de Quintella e CAMPOS, Carlos Humberto. 2013. A convivência com o Semiárido e suas potencialidades. In: CONTI, Irio Luiz e SCHROEDER, Edni Oscar (orgs.). *Convivência com o Semiárido Brasileiro: Autonomia e Protagonismo Social*. Brasília: Editora IABS.
- BEZERRA, Márcia. 2017. *Teto e Afeto: Sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia*. Belém: GKNoronha.
- CÁRITAS BRASILEIRA. 2023. História. In: *Cáritas brasileira - organismo da CNBB*. Disponível em: <https://caritas.org.br/historia>. Acesso em: 16 ago. 2023.
- CARVALHO, Rosângela Ribeiro de e OLIVEIRA, João Evangelista Santos. 2010. *Um sonho construído em mutirão: uma experiência de convivência com o semiárido*. Teresina: Cáritas Brasileira Regional Piauí.

CENTELHAS, Marcela Rabello De Castro. A multiplicidade das águas no fazer das pessoas: corpo, gênero e materialidades em um quilombo pernambucano. *Estudos Sociedade e Agricultura*, [s. l.], v. 30, n. 1, p. e2230110, 2022. Disponível em: https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/esa30-1_st02. Acesso em: 13 jun. 2023.

GALIZONI, Flávia Maria et al. 2008. Hierarquias de Uso de Águas nas Estratégias de Convívio com o Semi-Árido em Comunidades Rurais do Alto Jequitinhonha. *Revista Econômica do Nordeste*, [s. l.], v. 39, n. 1, pp. 132-152.

GALIZONI, Flávia Maria e RIBEIRO, Eduardo Magalhães. 2011. Bem comum e normas costumeiras: a ética das águas em comunidades rurais de Minas Gerais. *Ambiente & Sociedade*, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 77-94. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2011000100005&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 13 jun. 2023.

HENARE, Amira; HOLBRAAD, Martin e WASTELL, Sari. 2007. Introduction. Thinking through things. In: *Thinking through things: theorizing artefacts ethnographically*. London and New York: Routledge. pp. 1-31.

HEREDIA, Beatriz e PALMEIRA, Moacir. 2006. O voto como adesão. *Teoria e Cultura*, [s. l.], n. 1, pp. 35-58. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura/article/view/12138>. Acesso em: 11 abr. 2022.

HEYWOOD, Paolo. 2017. Ontological Turn, The. *Cambridge Encyclopedia of Anthropology*, [s. l.]. Disponível em: <http://www.anthroencyclopedia.com/entry/ontological-turn>. Acesso em: 11 abr. 2022.

LEAL, Natacha Simei et al. 2023. Criação, água e parentesco: Trajetórias e genealogias da família Negreiros no povoado de Lagoa de Fora, São Raimundo Nonato-PI. *Cadernos de Campo*, [s. l.], v. 32, n. 2, p. e214305. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/214305>. Acesso em: 20 jun. 2024.

- NEVES, Delma Pessanha e SILVA, Maria Aparecida de Moraes. 2008. Introdução. In: NEVES, Delma Pessanha; SILVA, Maria Aparecida de Moraes (orgs.). *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil. Formas tuteladas de condição camponesa*. São Paulo: Editora UNESP, pp. 1-35.
- NOGUEIRA, Daniela; MILHORANCE, Carolina e MENDES, Priscylla. 2020. Do Programa Um Milhão de Cisternas ao Água para Todos: divergências políticas e bricolagem institucional na promoção do acesso à água no Semiárido brasileiro. *IdeAs*, [s. l.], n. 15. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ideas/7219>. Acesso em: 17 jul. 2024.
- PALMIÉ, Stephan e STEWART, Charles. 2016. Introduction: For an anthropology of history. *HAU: Journal of Ethnographic Theory*, [s. l.], v. 6, n. 1, pp. 207-236. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.14318/hau6.1.014>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- PEREIRA, Renan Martins. 2017. *Rastros e memórias: etnografia dos vaqueiros do sertão (Floresta - PE)*. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). São Carlos, Universidade Federal de São Carlos.
- SANTOS, Queiton Carmo dos. 2021. “De primeiro não era assim”: histórias, paisagens e as coisas da Ilha do Pará, Afuá, Amazônia. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, [s. l.], n. 36, pp. 107-125. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revmae/article/view/163626>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- TEIXEIRA, Jorge Luan Rodrigues. 2014. *Na terra dos outros: mobilidade, trabalho e parentesco entre os moradores do Sertão dos Inhamuns (CE)*. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro, Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sobre a autora

Camila Galan de Paula é doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo e Professora Adjunta do Colegiado de Antropologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Sua pesquisa atual centra-se no estudo da produção de pertencimentos e diferenciações sociais nas e através das histórias de Coronel José Dias, município do semiárido piauiense. Camila Galan de Paula é pesquisadora do Projeto temático Artes e semânticas da criação e da memória (Processo nº 2020/07886-8 – FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Financiamento

Esta pesquisa de doutorado foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo no. 2019/00395-1, pelo período de março a agosto de 2020 (as opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP). A pesquisa de campo também recebeu financiamento da Wenner-Gren Foundation (agosto de 2021 a maio de 2022) via programa *Dissertation Fieldwork Grant*.

Trajetória do texto

Partes das reflexões aqui expostas foram apresentadas na *VII Reunião Equatorial de Antropologia* em 2022 e na *XIV Reunião de Antropologia do Mercosul*, em 2023. Uma versão mais longa deste texto, e com outra ênfase, foi publicada nos anais deste último congresso.

A relação entre o “tempo das dificuldades” e o “tempo das facilidades” em uma história mostrada

Camila Galan de Paula

Resumo

Este texto propõe uma abordagem etnográfica sobre a relação entre tempo, história e materialidade em uma região rural de Coronel José Dias, no semiárido piauiense. Através de conversas realizadas em campo sobre a água, explora-se como os moradores articulam diferentes “tempos”: um pretérito, marcado pelas “dificuldades”, e outro mais próximo ao presente, caracterizado pelas “facilidades”. A partir da exposição e análise desses tempos e de suas qualidades, reflete-se sobre como aparecem apartados nas histórias contadas. No entanto, as conversas sobre o acesso à água de antes e de hoje são acompanhadas de coisas que são mostradas, como barris, cabaças, poços, cisternas. Em uma história mostrada, defende-se, o passado se faz presente. Assim, este texto constitui-se como uma reflexão etnográfica sobre os modos de contar e de mostrar a história.

Palavras-chave: tempo; antropologia da história; materialidade; Piauí